

ANGYONE COSTA

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

(O que pensam e o que dizem os nossos
pintores, esculptores, architectos e
gravadores, sobre as artes plasticas
no Brasil)



Rio de Janeiro
PIMENTA DE MELLO & CIA.

1927

Texto disponível no site: <http://www.dezenovevinte.net/>

Antonio
Parreiras



Antonio Parreiras

Uma visita ao pintor Antonio Parreiras é um motivo da mais intensa e viva commoção espiritual. Conhecendo-se esse artista, comprehende-se a fatalidade que devia apontar a paysagem ao talento pictural desse mestre, deslumbrado ante a natureza, que reproduz em suas telas com magistral execução.

Vê-se logo, ás primeiras palavras do pintor que, daquelle temperamento exhuberante, tinha de surgir, como surgiu, a maravilha de quadros que são a expressão mais exacta da vida e das coisas brasileiras.

Parreiras é tempestuoso, cataduposo, como a nossa terra selvagem, e está nesta sua característica mental, certamente, o segredo a que deveu a faculdade de ser o interprete fiel dessa coisa cyclopica, que nenhum outro pincel reproduziu com expressão e côr local! — a floresta amazonica. Falando-se ao pintor, de tantas telas famosas, tem-se a impressão de que Carlos Gomes, na phase em que escreveu O Guarany, devia, tambem, ser assim.

Ha fanfarras na sua alegria e na sinceridade crepitante com que grita o seu sentimento, nas emoções que o trabalham, no sopro sagrado que o anima. E' uma tempestade de tons e de harmonia o que se sente ao contacto desse colorista magistral!

Sem vel-o pintar, quem o escuta sente, immediatamente, que elle é, de facto, autor dessas obras formidaveis, que enriquecem a moderna pintura de nosso paiz.

As suas paysagens estão impregnadas de sua propria espiritualidade, do seu subjectivismo, do forte impressionismo que o distingue. Está no calor do seu temperamento tropical o segredo do seu triumpho paysagistico. Não será possivel exprimir com maior exactidão de colorido os tons bizzaros da nossa selva, o verde intenso da floresta virgem, das terras equatoriaes. O cipoal entrançado que se emmaranha em arabescos phantasticos, atravez das arvores cyclopicas, da floresta americana, não póde ter outro pintor que não esse grego de ardente temperamento meridional que, quando pinta, immerge o pincel na chlorophyla das nossas arvores e lambusa-o nas tintas do nosso céo facetado para imprimir á tela os tons reaes da nossa natureza opulenta. Mas não é apenas á reproducção da paysagem que Parreiras dedica o seu pincel. Os quadros de figura humana, da sua immensa galeria, são da mesma fórma fortes creações do seu temperamento exquisito, onde se sente a vibração intensa, por vezes excessiva, do seu valor pictural.

NO "ATELIER" EM QUE O GRANDE PINTOR TRABALHA

A' hora matinal, em que procuramos Antonio Parreiras, já se encontrava elle, em seu "atelier", trabalhando. Todas as horas do dia são-lhe tomadas pelo "plafond" do Instituto de Musica de Bello Horizonte, immensa tela, de setenta metros quadrados, que o pintor tem tempo marcado para entregar.

Ao approximarmos do "atelier", depois de ter deixado, no primeiro plano, a confortavel residencia do mestre, perguntamos, de longe, como seremos recebido, na clara e estonteante belleza daquella hora matinal.

Com a sua voz, velada e forte, de tenor, Parreiras vem ao nosso encontro desenvolvendo as notas de uma risada sadia:

— A páo e a abraços!

E descendo os tres degráos de acesso ao "atelier" onde dá á sua arte um culto especial, Parreiras vae-nos abraçando, com uma grande familiaridade, communicativa, dizendo forte e alegre:

— Fez bem vir á nossa casa.

Somos conduzidos até alli, atravez os canteiros e tufos verdoengos do jardim, traçados sobre o terreno accidentado, que se galga em rampa suave, pela mão amiga de Mme. Lucienne, o anjo bom daquella casa. Lá em cima, propriamente, está situado o "atelier" desse florentino da Renascença, Dionisus embriagado, ao contacto das tintas a quem vamos visitar.

Chega-se á casa atravessando a esplanada que nos permite estender a vista e divisar, pouco além, um trecho de natureza maravilhosa — o Sacco de São Francisco.

Emquanto subiamos, Mme. Lucienne vae nos dando detalhes da residencia, da vida que o casal leva, dos trabalhos e encommendas que Parreiras tem a executar.

No "atelier", tudo é ordem, atravez do aspecto de apparente desordem em que os objectos gravitam. Estudos, manchas, telas já acabadas, cobrem totalmente as paredes. Uma larga mesa Renascença. Cadeiras confortaveis. "Chaise-longue" abafada sob almofadas. Tamborettes. Um armario atulhado de livros. Mesas contendo material de trabalho. Tintas, paletas, pinceis em quantidade copiosa, como se, simultaneamente, tivessem de utilizal-os legiões de pintores invisiveis. Uma ampla tela inacabada, fechando a parede do fundo da sala, é o "plafond" encommendado para o Instituto de Musica de Bello Horizonte.

Outros quadros se apinham, cobrem as paredes, attestando uma vida fertil, de movimento, de trabalho, de acção. Repousamos a vista sobre a documentação daquella vida proveitosa e, inadvertidamente, sem preocupação bisbilhoteira de "reporter" mas como quem cede á propria fatalidade das circunstancias:

— Que encanto, mestre! E a sua vida?

— Muito trabalho, muita agitação, muita lucta, como ainda agora pôde ver. Nasci alli, em São Domingos. Faz tanto tempo isto! Aos quatorze annos, frequentava a aula de desenho do Collegio Briggs, em Botafogo. Surprehendi, uma vez, o professor, com a pintura que fiz, de um immenso mappa de Systema Metrico, para uso de toda a classe, que reclamava a exiguidade



“CATARATAS DO IGUASSÜ”
A. Parreiras

do tamanho da carta onde nós todos estudavamos. Briggs duvidou que fosse trabalho meu. Depois, do meio da sala, felicitou-me, acaloradamente, agradecendo o desenho.

Foi o meu primeiro dia de gloria, que não esqueci mais, na minha vida. Mais tarde, aos vinte annos, estudei com Jorge Grimm, juntamente com Hyppolito Caron, Vasquez e Rosalvo Ribeiro. Muito cedo, com esse meu temperamento, tornei-me independente nos estudos.

A minha primeira phase é a do paysagista. Dediquei-lhe vinte e dois annos de trabalhos, no decorrer dos quaes logrei realizar sessenta e oito exposições. Depois comecei a pintar a figura. O primeiro quadro desse genero, está no salão de honra do palacio do governo do Pará.

E' uma grande tela, A conquista do Amazonas, que enche a parede principal. Foi pintada em 1906, aqui neste atelier. Mais tarde executei a Fundação de Nictheroy, que ficou na Camara Municipal daqui. Em seguida, A fundação de S. Paulo e mais outras encommendas officiaes para o grande Estado. Ainda são minhas, entre outras telas de que me posso lembrar, na occasião, as decorações da Caixa de Conversão, a Prisão de Tiradentes, José Peregrino, Padre Miguelino, os dois ultimos collocados nos palacios dos governos de Parahyba e Rio Grande do Norte, por encommenda dos respectivos governadores.

Como vê, é uma vida muito agitada, da qual só estou mostrando uma face, por alto, para não tomar-lhe mais tempo.

— E as suas viagens á Europa, professor?

— Utilissimas. Cerca de vinte annos estive na Europa frequentando os meios artisticos com a curiosidade de quem procura honestamente aprender. Durante sete annos concorri ao "salon" Nacional, onde até agora eu e o Visconti, de artistas brasileiros, fomos os unicos a penetrar.

Os meus trabalhos, expostos em Paris, foram, geralmente, nus de tamanho natural, como Nonchalance, Flôr Brasileira, Phrynéa, Desesperada, todos elles hoje reproduzidos em postaes e em lithographias, que se encontram até no Japão, onde Flôr Brasileira teve varias reproducções. Nos "salons" em que expuz, concorrem ou já concorreram os nomes mais eminentes da pintura e da esculptura franceza. Posso lembrar Rodin, Bonnat, Puvis de Chavannes, Charles Duran, Roll, varios outros do mesmo prestigio, fulgor e renome universal. Tambem já pintei animaes e ainda no "salon" brasileiro de 1922, expuz, entre outros, o quadro Matina, desse genero difficil de pintura.

— E o mestre ainda não se sente cansado, na lucta que tem mantido?

— Como vê, continuo a trabalhar, sem esmorecimentos. Foi esse trabalho permanente, constante, que me deu o relativo conforto em que vivo. Tambem não é muita coisa. Um dia com algum dinheiro a mais, outro a menos. Faço, entretanto, vida exclusiva de artista. Eu e o Dakir, meu filho, é bom explicar. Quando não tenho dinheiro, de prompto, elle m'o fornece, e eu lh'o forneço, quando tambem elle o não tem...

— Mas, o professor, com esta magnifica vivenda, deve possuir um patrimonio apreciavel...

— Tudo isto que aqui vê, adquiri por tres contos de réis. Mais tarde, depois de feita a minha casa, comprei o lote de terreno ao lado, para situar os meus filhos. Não queria tel-os separados de mim. Comprei o lote por dez

contos. Construí, melhorei, preparei, e o resultado vê-se aqui. Mas é bom repisar. Este pouco é a compensação ao trabalho da minha vida de artista.

— Lembra-se da primeira aquisição, como foi feita, professor?

— Oh! Se me lembro! Muito engraçado. Com economias de uma pequena exposição, comprei o terreno, mas não tinha com que edificar. Em certo dia, tentei ir a São Paulo. Arrumei os quadros, embalei o melhor que pude, e eis-me a caminho da Paulicéa. Chego lá. Abro a Exposição. Boas notícias. Felicitações e encomios de toda a parte! Quanto a dinheiro, nada. Em certo dia, porém, quando eu, já amargurando o passo errado, começava a enrolar as telas para me pôr a caminho, entra um homem e me faz uma encomenda de tres contos de réis. Exulto! Vou ao Ramos de Azevedo, que também começava a vida, e peço-lhe uma planta para o terreno que aqui vê. Ramos de Azevedo recebe com satisfação o pedido e pergunta quanto eu quero gastar. Respondo-lhe que não tenho dinheiro mais que os tres contos da encomenda...

Ramos de Azevedo sorri e não me dá resposta. Retira-se. E com elle, ou com o homem da encomenda, ou com os dois, entra-me a fortuna em casa. Em poucos dias, eu que não tinha feito nada, ganho quarenta e cinco contos. E o Ramos de Azevedo, nada de me dar a planta que lhe pedira! Todo o dia, porém, vinha ao "atelier" e indagava de quanto já vendera. Seis, oito, vinte, trinta, quarenta contos de réis. No outro dia seguido áquelle em que arredondara os quarenta e cinco, entra-me o Ramos de Azevedo com os desenhos em baixo do braço. Explica-me os planos. Abre-me aos olhos a linda casa que projectára. Fico aturdido. Pasma, indignado!

— Mas não tenho dinheiro para tudo isso, Azevedo.

— E os quarenta e cinco contos que São Paulo lhe deu, maganão!

E ahí está como esta casa se construiu, devido ao ardil empregado pelo grande architecto paulista.

OS MESTRES DE ANTONIO PARREIRAS

Mas o mestre já se sentia fatigado. Vem o primeiro café, um magnifico café, adquirido especialmente pelo artista, que o conduz até nas suas visitas a Paris. E' um authentico estimulador de energias, cheiroso e gostoso, como todo bom producto tropical.

Entra uma visita, que vem combinar detalhes sobre a proxima homenagem que o mundo litterario de Nictheroy presta ao pintor. Sim. Porque é preciso também, que se diga, que Parreiras, se não fosse um grande pintor, seria um bello escriptor. A sua conversa é encantadora e os seus originaes, alguns dos quaes nos são mostrados, revelam o forte prosador, cheio de observações pessoais, que elle é. Parreiras, agora mesmo, dá os ultimos retoques a um livro sobre a sua vida, que vae ser, em nosso bisonho meio artistico, uma revelação, para os que ainda não conhecem essa faceta da sua physionomia mental.

Parreiras levanta-se. Sabe e vem ao encontro do sol, que brilha nessa manhã formosa, embriagando-nos de luz. Trava-nos o braço. Sahimos para lavar a vista na luminosidade da paysagem, que vae "smorzando" até se



Parreiras e D. Lucienne

perder nos planos escuros de serras e penedos que fecham o Sacco de São Francisco.

— Mas, continuemos, professor: Como iniciou os seus estudos?

— Aqui mesmo, no Brasil. Frequentei as aulas do professor Grimm a quem acompanhei depois que deixou a Escola, durante tres annos, approximadamente.

Mais tarde, recebi lições de Victor Meirelles e frequentei muito tempo a Academia de Veneza, sendo nomeado, de regresso ao Brasil, professor interino da aula de paysagem, na Academia de Bellas Artes, cadeira que leccionei durante dois annos, tendo-a deixado em virtude da reforma feita no Regulamento da Escola.

— E a que fins superiores obedecia essa reforma?

Desconheço. Apenas posso affirmar que a Reforma supprimia de seu programma o ensino da paysagem, o que determinou o meu afastamento da Escola.

Fóra da Escola, entreguei-me de corpo e alma á vida de pintor paysagista. Depois cansei. Quiz tentar outros generos. Consegui-o. Expuz estudos de nu, pintei animaes, tentei quadros historicos. Gostei do genero. Executei diversos, como já tive oportunidade de fazer-lhe sentir. Talvez por sorte, vendi sempre os meus trabalhos, com relativa facilidade. Posso ter a vaidade honesta de dizer que foi com o resultado do meu pincel, que montei a minha casa e a dos meus filhos, depois de tel-os educado.

E Parreiras, nessa rapida visão interior, parece renovar vinte annos dentro da ambula immensa da sua discreta saudade.

RAPIDA IMPRESSÃO DO TALENTO MOVIMENTADO DO PINTOR

Parreiras tem tido uma vida de artista multiforme e original. Primeiro, paysagista, pinta a paysagem brasileira, como ninguem. Pinta a paysagem suave e ás vezes arroubada das terras montanhosas do sul, como vae pintar, mais tarde, e realiza o milagre, até então irrealizado, de reproduzir, na tela, o emmaranhado selvagem, a polychromia phantastica, o entrelaçamento barbaro, amedrontador, da Amazonia. Para aquelle mundo novo, só um genio novo e barbaro, desconhecido e selvagem, como o estranho pintor. A floresta equatorial conservava até esse momento um mysterio inviolavel, que só Estrada, em parte, conseguira desvendar. Além daquelle pintor, cedo prejudicado pela cegueira, ninguem mais lograra copial-a, no mysterio da sua vida inacabada, portentosa e cahotica, em elaboração. Parreiras avistou-a, pela primeira vez, na phase culminante, desta sua feição pinctural, e conseguiu dominal-a. Em breve, o paiz e o mundo sabiam que a Amazonia deixára de ser inviolavel e Parreiras era apontado como o Deus sagrado que fizera a Revelação. O seu temperamento desigual, não lhe permittia, porém, ficar muito tempo pintando uma coisa só. E assim, depois da paysagem absorver-lhe muita actividade, pintou animaes, pintou o nu, pintou quadros historicos.

O CORAÇÃO AMANTÍSSIMO DO ARTISTA

Parreiras, na sua artística residência e em meio á vida invejável, como ideal de arte, que desfructa, desperta, em quem o visita, a curiosidade de penetrar-lhe os detalhes, indagar-lhe o passado, conhecer-lhe os planos futuros.

Não é sem um certo retrahimento e discreta habilidade, que indagámos de como se vive naquella "villa" encantadora, em tanta harmonia e bem-estar.

E Parreiras nos explica:

— O que está feito é tudo o resultado do trabalho continuado, de todas as horas, de todos os dias. Tenho a minha vida em ordem. Posso morrer hoje, que a minha morte não surprehenderá com o seu desequilibrio a vida dos meus filhos. A casa de minha filha e respectivo terreno estão separados. E', como vê, aquella ao lado. A segunda, onde ha o amplo salão, que é propriamente o meu "atelier", pertence ao Dakir, artista como eu. Hoje, o "atelier" é independente do resto da casa, porque a porta que os devia communicar permanece cerrada, com uma vasta tela cobrindo-a. Com a minha morte, é só tirar as telas e communicar as portas. Fica Dakir trabalhando no mesmo salão em que trabalhou o pae.

Será a continuidade não quebrada, a tradição herdada — desenvolvida quiçá com maior brilho, pela perseverança do filho. Olhe, não fiz o Dakir pintar. Elle fez-se artista porque quiz sel-o, sem que a minha vontade nisto interferisse. Dei-lhe ampla liberdade. Observei-o. Aos poucos tive a attenção reclamada para a sua habilidade. Primeiro, uma folha que o vi pintar. Depois, um outro detalhe, uma explicação, mais conselho de pae que ensinamento de mestre, e estava feito o pintor. Mas tudo isto vae bem longe...

Notamos que a palestra continuada alli, ao ar livre, no cheiro agreste da terra fresca e humida, ia rumando, insensivelmente, aspecto triste. A nostalgia do envelhecer. O desespero da morte... E' quando quebra, felizmente, a sombra daquella tristeza, a alegria buliçosa da mais nova netinha de Parreiras. Um azougue. Viva e bonitinha, deve concorrer com um forte contingente de alegria saudavel para a felicidade daquella casa de artistas. Parreiras senta-a ao collo, acaricia-a. E prosegue:

— Não julgue, porém, que vivemos em confusão. Tanta gente, tanta casa... Deve dar-lhe, necessariamente, a impressão de que isto aqui é uma Babel! Pois nada mais differente. Neste pequeno mundo cada qual trata da sua vida, discute e realiza os seus negocios, governa os seus haveres, fiscaliza o seu "home". Aqui apenas ha de commum um telephone, com o qual as communicações se estabelecem, facilitando o ideal de viver juntos, dentro da mais ampla liberdade individual.

— E' assim como que uma Republica de Platão?

— Melhorada pelas vantagens do telephone, conclue, sorridente, Parreiras.

Já se fazia tarde. Chegáramos às 9,40 e o sol já marcava, apressado, 14 horas. Tínhamos tomado varios cafés. Não era possível perdurar o prazer da palestra do artista.

Despedimo-nos.

E mais uma vez, dois homens, o "reporter" e o photographo, repetem no ar dolente da tarde, sombreada pelos eucalyptos da rua, a parábola do personagem do Eça, sahindo, desabaladamente, a correr, atraz do bonde que passava.